

■ SEMINÁRIO SOBRE NOVAS TECNOLOGIAS – UNIÃO LATINA 2006

ANA JULIA PERROTTI-GARCIA ¹

Tradutora, Prof. Universitária e Terminóloga, Brasil

A União Latina organiza anualmente no Brasil, juntamente com a Câmara Brasileira do Livro, um Prêmio de Tradução Especializada, que já está em sua 7.^a edição. Por ocasião da nova entrega do prêmio de 2006, foi organizado um seminário na Bienal do Livro de São Paulo sobre ferramentas de tradução e terminologia. O tema não poderia ser mais atual: **«As Novas Tecnologias e a Necessária Adaptação do Tradutor»**.

Segundo Claudia Laux, organizadora do evento, as tecnologias transformam o modo de trabalhar, ensinar, informar. Assim, o Seminário procurou abordar: qual a influência das tecnologias sobre a produtividade do tradutor? Qual sua relação com seu próprio trabalho e com os outros tradutores? Até que ponto as novas tecnologias transformam a tradução em adaptação aos métodos de trabalho impostos por elas, interferindo muitas vezes nas questões lingüísticas e culturais (trabalho em equipe, no mesmo local ou à distância, em rede, etc.)?

Sendo um assunto tão vasto e em mudança constante, houve uma preocupação em trazer profissionais dos mais diversos ramos da tradução (ensino, prática, teoria) e de áreas afins (Computação, Física, Economia, Lingüística, Lexicologia, entre outras) Foi abordada, também, a disseminação e aplicação das ferramentas eletrônicas em tradução e terminologia.

¹ Redação e compilação dos depoimentos.

PROGRAMAÇÃO CIENTÍFICA

Após a abertura solene, foi feita a entrega dos prêmios aos tradutores e respectivas editoras, com a participação de Representantes da Câmara Brasileira do Livro e da União Latina.

A **primeira mesa** redonda, intitulada «Influência das Tecnologias sobre a Produtividade do Tradutor e a Qualidade do Trabalho; Trabalho em Equipe, à Distância, em Rede» teve como moderador o brilhante Prof. Francis Aubert (USP). Participaram da mesa Naomi de Moraes, Tamara Barile e Luís Henrique Kubota.

O Prof. **Francis Aubert** é professor titular de Estudos Tradutológicos, USP, e diretor do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia (CITRAT-USP). O Professor fez uma avaliação inicial da situação dos tradutores no país (sem deixar de citar o quanto seríamos beneficiados caso as editoras passassem a praticar uma tabela mais generosa e contemplassem uma elevação em nossos honorários!).

A palavra foi passada a **Naomi James Sutcliffe de Moraes**. Naomi é norte-americana, residente no Brasil desde 1999. Formada em Engenharia Mecânica, com mestrado em Física, pela Universidade da Califórnia, trabalha atualmente como tradutora de documentos de português para inglês, para clientes no mundo todo, com especialização em documentos jurídicos e médicos. Pelo currículo, já é possível notar que Naomi é profunda conhecedora dos avanços tecnológicos (não apenas como usuária). Sua participação foi marcante, pois deu ao debate um caráter científico e muito embasado.

A seguir, passou-se a palavra a **Tamara Barile**, que é formada em Economia e atua como tradutora pública em São Paulo, desde 1980. Estudou na Alumni. É especializada em textos jurídicos e comerciais e traduz do francês e do inglês para o português.

Tamara disse que, ao longo destes últimos quase 30 anos, o tradutor experimentou grandes mudanças nas ferramentas de trabalho. Essas mudanças, entre outros efeitos, modificaram as formas de arquivo de documentos (traduções realizadas e consultas de informações) e o processamento de textos e imagens (com os processadores de texto e imagem no computador e as ferramentas de ajuda à tradução, como os programas de memória de tradução). Finalmente, com a *Internet*, a forma de consulta de informações e os contatos com os clientes (contatos iniciais, recebimento e envio de documentos) e com outros colegas tradutores (troca de informações e de trabalho, além das listas profissionais de discussão) sofreram também uma mudança radical.

Segundo a tradutora, entre todas as mudanças, cada profissional aproveita o que lhe for mais útil, dentro das necessidades específicas de seu trabalho e dos equipamentos a sua disposição. Mas, segundo Tamara, seria inconcebível ver, hoje, alguém trabalhando como trabalhávamos há 30 anos: usando o computador sem utilizar plenamente seus recursos (ou seja, utilizando-o como uma máquina de escrever), deixando de aproveitar

plenamente o que a *Internet* tem a oferecer de bom ou, ainda, perdendo contatos com clientes e colegas por se recusar a utilizar o formato eletrônico de comunicação.

A ilustre colega concluiu dizendo que as mudanças vieram para aprimorar a forma de trabalho do tradutor, permitindo que ele opere de modo melhor e mais rápido. Devemos fazer uso eficiente para nosso trabalho e para nós mesmos. As mudanças tecnológicas também modificaram o contato profissional, possibilitando o compartilhamento eficiente de projetos e de terminologia entre vários tradutores. Todas essas mudanças exigem do tradutor um esforço constante de atualização e exigem que ele esteja aberto às novas formas de trabalho e de contatos profissionais.

Luís Henrique Kubota fechou a primeira mesa redonda. Ele é formado em Publicidade pela ESPM. Desde 1998, trabalha exclusivamente com tradução, nas áreas de Publicidade, Mercado de Capitais, TI e Localização, Marketing, Pesquisa de Mercado, Relações Públicas e Jurídica.

Luís Henrique afirmou que, fazendo uma comparação entre as tecnologias disponíveis aos tradutores autônomos hoje e há vinte ou trinta anos, atualmente, a vida do tradutor é, simultaneamente, muito mais fácil e muito mais difícil do que a de seu correspondente do início do último quartel do século passado. Se, por um lado, as tecnologias facilitaram e agilizaram seu trabalho, por outro lado, essas mesmas agilidade e facilidade o tornaram bem mais complexo e custoso.

Segundo nos explicou, atualmente, os processadores de texto permitem a correção imediata dos documentos, e as pesquisas e a comunicação são muito mais rápidas e baratas nesta era da Internet em banda larga e do *VoIP*; antigamente, a máquina de escrever demandava uma correção, por vezes, trabalhosa e, não raro, o tradutor tinha de se deslocar até bibliotecas para fazer consultas específicas, dependendo exclusivamente dos correios e do telefone. A carga de trabalho do tradutor cresceu, os prazos diminuíram e os custos de manutenção dos equipamentos, que incluem, além de um *hardware* sofisticado, uma série de programas caros e imprescindíveis ao tradutor, são muito elevados; anteriormente, os volumes eram menores – para um prazo relativamente mais dilatado –, e o tradutor de vinte ou trinta anos atrás necessitava de ferramentas relativamente baratas, compostas, basicamente, por lápis, papel, borracha, máquina de escrever e fita corretora.

Na opinião de Kubota, tendo em vista a realidade tecnológica disponível na atualidade – com todos os seus benefícios e prejuízos –, abrem-se três possibilidades de trabalho ao tradutor autônomo:

a) *Projeto individual* – a despeito do nome, envolve, muitas vezes, o trabalho coletivo, pois as consultas aos colegas tornam-se cada vez mais corriqueiras, seja diretamente aos colegas (por *e-mail*, mensageiro instantâneo, *VoIP* ou telefone), seja por intermédio de listas de discussão (nas quais a dúvida é enviada a um grupo e pode ser respondida por qualquer participante);

b) *Projeto em Equipe* – este tipo de projeto, normalmente, é de grande porte e requer a formação de uma equipe homogênea, dado o prazo relativamente curto. Além disso, é preciso que todos adotem e sigam um manual de estilo e um glossário, para que a consistência seja mantida. É igualmente essencial que haja apenas uma pessoa para «bater o martelo» em caso de impasses tradutórios;

c) *Projeto em Rede* – além das mesmas premissas do projeto em equipe (equipe homogênea, manual de estilo, glossário e controle de qualidade), o trabalho em rede geralmente inclui o compartilhamento de memória *on-line*, que fica no servidor do cliente (normalmente, uma agência de tradução). Neste caso, o grande problema é o grande problema é, segundo denominação dada pelo próprio Kubota, a «A Síndrome do Manto de Penélope», isto é, quando um tradutor traduz um segmento seguindo o manual de estilo e o glossário e outro tradutor «corrige» o mesmo segmento sem levar em conta o manual de estilo e o glossário, «desfazendo a trama» construída pelo primeiro tradutor. É, por excelência, o pesadelo de tradutores (os que seguem as orientações), revisores e do QA.

Concretizando essa imagem tão forte, tão viva na mente de muitos de nós, Luís Henrique encerrou sua fala.

A **segunda mesa** redonda, intitulada «Formação e Profissionalização do Tradutor Especializado» foi moderada por Ana Júlia Perrotti-Garcia e dela participaram Aduari Brezolin (Unibero), Maria Aparecida Caltabiano (PUC-SP) e Gilberto Labatte.

Aduari Brezolin é Mestre e Doutor em Letras (USP), leciona tradução e terminologia bilíngüe no Unibero e na Universidade Metodista, e, junto com Alzira Allegro e Rosalind Mobaid, é autor de *Pequeno Dicionário de Expressões Idiomáticas e Coloquialismos: Português-Inglês* (Fiúza Editores, 2001) e de *Whatchamacallit? - Novo dicionário português-inglês de idiomatismos e coloquialismos* (Disal Editora, 2006).

O Prof. Aduari iniciou sua fala salientando o fato de que a maioria dos cursos universitários de Tradução no Brasil oferece uma formação generalista. Assim, segundo ele, falarmos de profissionalização desde já nos parece irrealista. Ao lado dessa situação (e aqui não cabem maiores elocubrações), os cursos universitários devem lidar com algumas deficiências do ingressante no tangente aos conhecimentos da língua estrangeira e da língua materna (aqui, o Prof. Aduari referiu-se ao inglês e ao português, par-lingüístico com o qual trabalha, tanto no Unibero quanto na Universidade Metodista), o que resulta na ênfase dessas disciplinas, abordando-as em seus vários níveis (sintático, morfológico, estilístico, discursivo etc.). O currículo dos cursos de Tradução também contempla outras disciplinas, tais como: língua latina, lingüística, literaturas das culturas envolvidas, teoria da tradução e prática da tradução, algumas das quais são desmembradas ao longo dos quatro anos de curso. No que se refere ao ensino específico de tradução, aos alunos é oferecido um conteúdo que prevê: a reflexão crítica sobre as principais teorias e teorizações; a busca de uma interação realista e enriquecedora entre teoria e prática; a ênfase na idéia de que não há receita para traduzir e que um texto traduzido aceitável depende de vários tipos de

conhecimento, de diversos condicionantes e do «pensar sobre o fazer tradutório», entre outros aspectos. Na disciplina «Prática da Tradução», diversos tipos de textos com diferentes graus de dificuldade são abordados nas áreas econômica, científica, comercial, jornalística, jurídica, literária, multimidiática, técnica, por exemplo. Está também no currículo a disciplina «Terminologia Bilingüe», em que se apresenta uma metodologia de trabalho de pesquisa temática, cujo resultado final é a elaboração de um pequeno glossário bilingüe. Para tanto, segundo o Prof. Aauri, os alunos contam com o auxílio da Lingüística de *Corpus*, em especial, na seleção e extração dos termos. Paralelamente, é introduzido também o uso de novas tecnologias, como a ferramenta computacional *WordSmith Tools*, por meio de seus recursos principais: lista de palavras, listas de concordância (colocados) e lista de palavras-chave. Os alunos também recebem treinamento básico em memória de tradução com o auxílio do programa *Transit XVI* (Unibero) | *Wordfast* (Universidade Metodista) e de vários tradutores automáticos disponíveis na *Internet*. O pesquisador acredita que, com isso, os cursos estejam levando os alunos a: melhorar suas habilidades lingüísticas; obter subsídios para o «pensar sobre o fazer tradutório»; entrar em contato com novas e eficientes formas de pesquisa (nas principais ferramentas de busca, como o *Google*); participar de situações que simulam a realidade; empregar novas tecnologias; entre outras atividades que, com certeza, lhes permitem uma atuação bem próxima ao que se espera de um tradutor, cuja profissionalização será, inevitavelmente, conseguida ao longo de alguns anos de trabalho.

A seguir, tivemos a participação de **Maria Aparecida Caltabiano**, que é professora do Departamento de Lingüística da PUC-SP e da UniSantanna. Trabalha com formação de tradutores em curso universitário. Tem sido responsável por disciplinas do curso de Letras, Licenciatura e Habilitação Tradução, por vários anos.

A Prof.^a Maria Aparecida fez um interessante relato de sua experiência com formação universitária. Sua apresentação foi voltada para a formação do tradutor, dada sua grande experiência na universidade, já que leciona há vários anos no curso de Bacharelado em Tradução da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, uma das faculdades mais tradicionais e renomadas do país.

Em um primeiro momento, Maria Aparecida apresentou os dados coletados a partir de um levantamento sobre o perfil dos alunos ingressantes no curso de tradução, a fim de saber sobre sua experiência na área, expectativas em relação ao curso e futura profissão e crenças sobre as novas tecnologias e o tradutor.

Os dados mostraram que esses alunos têm basicamente pouca experiência, tendo traduzido apenas textos a pedido de conhecidos ou como estagiários. Quanto às novas tecnologias, há reconhecimento dos limites do computador, embora sua importância como ferramenta para a profissão seja inegável.

A seguir, a ilustre pesquisadora apresentou a nova grade curricular do curso de graduação – Bacharelado em Tradução da PUC-SP –, que está sendo implantada no

presente ano (2006), mostrando assim como são e serão formados os futuros tradutores em curso universitário.

Todos os presentes foram unânimes em considerar o assunto extremamente interessante e certamente levaram informações valiosas para futuras reflexões.

Por último, mas igualmente importante, **Gilberto Labate**, bacharel em Direito e psicólogo, tradutor público juramentado (inglês-português-inglês) desde 1980 e Presidente da ATPIESP (Associação Profissional dos Tradutores Públicos e Intérpretes Comerciais do Estado de São Paulo), no período de 1999 a 2003, falou aos presentes sobre sua larga experiência como tradutor juramentado.

Gilberto, com sua simpatia e tranqüilidade características, explicou como se dá o processo de seleção de Tradutores Juramentados no Estado de São Paulo.

O Dr. Labate afirmou que o Tradutor Público e Intérprete Comercial é um personagem, ainda hoje, virtualmente desconhecido. Ora visto como tradutor exclusivamente jurídico, ora confundido com um burocrático funcionário público. É tradutor e também intérprete sim, lado freqüentemente esquecido (com atividades privativas previstas em lei).

É profundo o controle das Juntas Comerciais sobre esse ofício – não somente pela fixação do número de cargos, pela seleção dos candidatos às vagas e pela nomeação dos aprovados, mas também pela fiscalização que a Junta sobre exerce sobre os tradutores juramentados. Configura tal ofício uma profissão liberal, mas de caráter *sui generis*, em virtude exatamente da ausência de total autonomia em seu desempenho.

Segundo o palestrante, alguns pré-requisitos para o candidato se tornar um Tradutor Público e Intérprete Comercial são mais de ordem «formal», tais como, entre outros, ser maior de idade, ser brasileiro nato ou naturalizado, residir há mais de um ano onde pretende exercer o ofício, etc. O requisito básico consiste em ser aprovado em concurso público. Passar numa prova cujo conteúdo e sistemática estão definidos legalmente. Há dispositivos legais que prevêm até como as provas de seleção devem ser feitas.

Do momento em que o tradutor se juramenta, adquire fé pública e se enquadra em uma série de parâmetros/restrições/deveres.

Como o concurso ocorre no momento da vida em que o juramentado já tem uma certa bagagem, ele mergulha na tradução e aí começa a se dar conta da necessidade de uma formação mais global, de suprir lacunas. E aí se propõe a questão da complementação (no âmbito de uma certa compreensão mais teórica que fundamente e fortaleça seus conhecimentos mais intuitivos de tradução). Provavelmente a mesma lacuna devem sentir em relação à prática os que saem de faculdade que só enfatizaram o lado teórico da tradução.

Então, os Tradutores Públicos e Intérpretes Comerciais saem em busca de cursos de maior ou menor grau de formalidade, curso de reciclagem, de aperfeiçoamento, livres, alguns ministrados por institutos ou até mesmo cursos de pós ou especializados,

ministrados por Faculdades. Há também a busca pela informática, e também pelos programas de tradução.

O Dr. Gilberto concluiu sua explanação dizendo que concorda com a necessidade de novos concursos. Mas deixou claro que, tão importante quanto novos concursos, é a união dos juramentados existentes, e dos que venham futuramente, para que a qualidade e a seriedade de sua atuação continue a ser, como é na atualidade, a marca desse grupo de profissionais

Encerrando o ciclo de debates, a **terceira mesa** redonda foi moderada por Tamara Barile e contou com a participação de Danilo Nogueira, Ieda Maria Alves, Ana Júlia Perrotti-Garcia, Malu Cumo e Carlos Rangel. O tema debatido foi «O Instrumental Moderno e as Novas Tecnologias Ligadas ao Trabalho do Tradutor: Disseminação e Aplicação das Ferramentas Eletrônicas em Tradução; Terminologia e Bases de Dados Terminológicas, Publicações/Corpora/Legendagem/Dublagem, *Google*»

Danilo Nogueira, que é nosso entrevistado deste mês na *CONFLUÊNCIAS – Revista de Tradução Científica e Técnica*, falou sobre sua experiência com as *CAT tools*. Segundo ele, o centro nervoso de seu escritório, atualmente, é um programa de tradução assistida por computador, geralmente o *Wordfast*. Tudo o mais gira em torno dele. Segundo Danilo, os programas de tradução assistida por computador são vítimas de diversos mal-entendidos. O primeiro é que, por serem muito conhecidos como *programas de memória de tradução*, muitos tradutores pensam que eles só criam e administram memórias de tradução. É isso o que faziam no início, mas hoje fazem muito mais, bem mais do que é possível descrever aqui. O segundo mal-entendido é que são confundidos com os programas de tradução automática, que são outra tecnologia, aplicada com outros fins. O terceiro é que prejudicam a qualidade da tradução. Nada poderia ser menos verídico. Um programa de tradução assistida por computador meramente ajuda o tradutor com sugestões que o tradutor pode aceitar, reformular ou simplesmente rejeitar.

Danilo concluiu sua fala afirmando que, à volta do programa de tradução assistida por computador, ficam vários outros, que o ajudam a organizar e pesquisar glossários automaticamente, fazer pesquisas mais precisas na *Internet*, achar coisas escondidas no disco rígido, lidar com arquivos *PDF* e executar um sem-número de outras tarefas. Muitos deles são grátis, outros são muito baratos. Concluindo, muito generosamente, Danilo disponibilizou a lista de seus programas prediletos atuais. Consulte-os no endereço: <<http://tinyurl.com/syaqb>>.

A seguir, a platéia foi brindada com a fala da terminóloga **Ieda Maria Alves**, Professora Associada da Universidade de São Paulo na área de Filologia e Língua Portuguesa, em nível de Graduação e Pós-Graduação. A Prof.^a Ieda é pesquisadora do CNPq, nas áreas de Lexicologia (Neologia) e Terminologia. Tem como principais trabalhos publicados: *Neologismo. Criação Lexical* (Ática, 1994) e *Glossário de Termos Neológicos da Economia* (Humanitas, 2001).

A Prof.^a Ieda não atua como tradutora, mas a tradução entra sempre em suas preocupações pelo viés da terminologia. A pesquisadora abordou a relação da terminologia (dicionários elaborados, lacunas terminológicas...) com a tradução. Sua participação, realmente, trouxe a todos muitas informações de grande valor.

A seguir, tivemos a participação de **Ana Julia Perrotti-Garcia**, tradutora especialista pelo CITRAT-USP, docente do Curso de Pós-graduação em Tradução (áreas médica e odontológica) da Universidade de Franca (UniFran), professora Assistente do curso de Letras, Língua Inglesa, Faculdade Montessori, SP, membro da Comissão Científica da *CONFLUÊNCIAS – Revista de Tradução Científica e Técnica*, Portugal, e autora de 3 cursos de inglês médico e odontológico e 5 dicionários bilíngües para a área da saúde.

Ana Julia falou sobre o uso de *corpora* customizados como ferramenta auxiliar para o tradutor. Sua experiência na área já lhe rendeu diversos cursos e palestras, no Brasil e exterior. A palestrante também falou a respeito da importância de o tradutor (e de qualquer profissional) manter-se atualizado – uma vez que os avanços tecnológicos são constantes e ininterruptos.

Não se esquecendo do lado «humano», Ana Julia também salientou a importância da união, da ética e do bom relacionamento com os demais colegas tradutores. Em sua opinião, quanto maior for nosso contato com outros colegas, mais fortalecidos estaremos. Estudo, atualização, união, ética, estes devem ser os pilares nos quais nossa prática profissional deve estar embasada.

A seguir, **Malu Cumo** fez uma interessante palestra sobre sua área de especialização: as legendas! Malu é formada em Letras e traduz inglês, italiano e espanhol há 20 anos. Com experiência de 18 anos em legendagem e dublagem, atualmente ministra cursos sobre essa especialidade no IEDEC – Instituto Educacional Dr. Enéas Couto (SP). É também tradutora e intérprete juramentada de italiano. Em um seminário sobre o uso de técnicas sempre mais modernas no trabalho de tradução, explicou que, para legendagem, é contraproducente usar a grande ferramenta de auxílio do tradutor, a memória de tradução.

Malu explicou a uma platéia muito interessada nesse assunto tão instigante e atual que as legendas obedecem a uma métrica de caracteres por segundo (15/1), a capacidade de leitura. A essência é a concisão. Segundo Malu, os impedimentos são reais e práticos: 1) o filme vem sem roteiro; 2) se houver roteiro do tipo completo, é preciso cortar tanto texto que não vale a pena (mudança de cena, nome dos personagens, explicações várias...); 3) se não houver tanto para tirar, por ser uma lista de diálogos; ainda assim é complicado, porque a dinâmica da legenda discorda com a da memória de tradução (isso tudo quando o roteiro coincide com o filme!). Esses são apenas alguns dos problemas que podem surgir.

Para compensar, *corpus*, dicionários eletrônicos e *on-line*, páginas de busca, placa de vídeo-captura e até programas de simulação de legendas são todos muito bem-vindos. Assim, a Prof.^a Malu Cumo nos trouxe um pouquinho desse maravilhoso universo, que

agrega cultura, cinema e tradução em uma tarefa tão importante e cada vez mais valorizada: a legendagem.

A seguir, tivemos a fala de **Carlos Rangel**. Carlos é graduado em Economia pela USP e tradutor de legendas e dublagem desde 1989. Desde 1995, atua como tradutor técnico da área de Informática, nos idiomas inglês e espanhol. O tema principal abordado por Carlos Rangel foi a *Internet* e as ferramentas de auxílio à tradução. Segundo ele, na atualidade, a *Internet* oferece um grande número de ferramentas que permitem ao tradutor agilizar seu trabalho e oferecer um serviço de melhor qualidade. Em primeiro lugar, é possível destacar os dicionários, os glossários e as gramáticas *on-line* que, em muitos casos, já substituem, com vantagem, os dicionários e as gramáticas em papel ou instalados no próprio PC.

O buscador *Google* se transformou em um instrumento básico para o profissional da tradução, já que um volume gigantesco de informações pode ser encontrado na rede, envolvendo praticamente todas as áreas do conhecimento. Saber o uso correto dos filtros de pesquisa é fundamental para localizar os dados corretos. Além disso, o *Google* também permite, entre outras funções, consultar rapidamente dicionários, realizar conversões de medidas e localizar glossários de áreas específicas.

Uma tendência atual da *Internet* é a migração das aplicações instaladas no computador pessoal para a rede *web*, como editores de texto e planilhas eletrônicas. Nesse tópico, vale ainda destacar os sistemas de marcação *on-line* de favoritos, como o <www.delicious.com>. Com ele, o tradutor tem à sua disposição na rede sua lista de *sites* preferidos. Isso é muito útil para o tradutor que se desloca entre vários locais e quer um acesso rápido aos seus favoritos.

Para abrilhantar ainda mais o evento, houve uma grande participação da platéia, com perguntas muito inteligentes e instigantes. Assim, ficou claro que o Seminário teve sucesso absoluto, de público (quantitativamente e qualitativamente) e de crítica!

Ao final dos debates, todos ficaram com «gostinho de quero mais» na boca, contentes por saber que, como vem ocorrendo nos últimos sete anos, em 2007 tem mais!! Parabéns à União Latina e à Câmara Brasileira do Livro por este evento tão enriquecedor.

Para obter maiores informações e para saber mais sobre as realizações passadas e futuras da União Latina, visite <http://dtil.unilat.org/premio_brasil/seminario.htm>. ■